

ENTRE AS ARBITRARIEDADES PERFORMÁTICAS E AS NORMATIVIDADES DESCRITIVAS SURDAS: COMO A FERRAMENTA *GLOSINAIS* (CAMPELLO E CASTRO, 2013) PODE CONTRIBUIR COM PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO DE POEMAS EM LÍNGUA DE SINAIS NA DIREÇÃO LIBRAS-PORTUGUÊS

Autor:

Me. Saulo Xavier de Souza

Pós-graduação em Estudos da Tradução – PGET

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Contato: prof.sauloxavier@gmail.com

Modalidade: Comunicação Oral/Sinais

Eixo Temático: Tradução e Interpretação de Língua de Sinais: Norma Surda

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas no Brasil, com o reconhecimento legal nacional da legitimidade e da autonomia linguístico-cultural da Libras como língua materna dos surdos brasileiros, tem-se notado um intenso desenvolvimento de produções literárias relacionadas à cultura advinda das Comunidades Surdas. Isso é tanto que, para Karnopp (2008), o registro da literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico e histórico. Ou seja, enquanto a Libras ainda não tinha sido reconhecida formalmente como primeira língua dos surdos brasileiros, permanecendo proibida de ser utilizada em escolas, entre outros espaços frequentados por eles, também não era comum existir publicações ou reconhecimento de uma cultura ou de uma literatura surdas, nem formas visuais de registros dos sinais (KARNOPP, 2008).

Nessa mesma ótica, ao levar em consideração o caso do gênero textual da Poesia em Língua de Sinais, percebe-se a partir de Sutton-Spence (2012), que o mesmo abrange textos orais articulados em sinais, cujo conteúdo tem um forte efeito estético, podendo ser utilizado para fins diversos, dentre eles, o educacional e o social, por exemplo, pois, são representações práticas, tanto da identidade quanto da cultura dos Surdos, como também, refletem anseios, realidades, fatos, eventos, entre outros aspectos presentes em uma determinada Comunidade Surda, conforme ressalta Souza (2014: 170). Logo, ainda segundo esse mesmo autor, isso nos leva a crer que, além dos efeitos estéticos, é possível perceber em relação aos poemas em línguas de sinais que, ao serem traduzidos para línguas orais, eles podem constituir

verdadeiras pontes de contato cultural entre o mundo surdo e o mundo ouvinte, valorizando as potencialidades surdas e funcionando como ferramentas de esclarecimento cultural para os que não familiarizados com os vários mundos do mundo surdo (SOUZA, 2014: 170a).

Por outro lado, Souza (2014) nos informa ainda que esses procedimentos de tradução demandam escolhas que, geralmente, procuram ressaltar os efeitos estéticos identificados em poemas em língua de sinais, bem como, enfatizam o uso de artifícios da linguagem oral diretamente conectados ao gênero textual poético em questão. Isso porque, assim como nas línguas orais, nas línguas de sinais, acredita-se já haver um consenso linguístico de que as relações simbólicas de significado estabelecidas entre os sinais e os elementos ou objetos a que se referem não são meramente icônicas, pois, apresentam arbitrariedades que fazem parte do próprio estatuto linguístico da língua, em virtude de sua modalidade enunciativo-articulatória. Nesses termos, acredita-se ainda, que o mesmo acontece com os procedimentos de tradução envolvendo textos poéticos em língua de sinais na direção Libras – Português.

Ou seja, quando se pensa em re-textualizar um poema espaço-visual, que, enquanto texto-fonte, está registrado em movimento, para uma língua cuja modalidade enunciativo-articulatória é gráfica e visual, tal como o Português Brasileiro, por exemplo, é possível notar que haverá relações arbitrárias em voga, pois, há um texto-fonte oral em Sinais em relação com um texto-alvo impresso, gerado a partir do devido procedimento tradutório.

Assim, cientes da complexidade em torno do gênero textual “Poesia em Língua de Sinais”, é possível nos valermos da contribuição de Sutton-Spence (2012) acerca da *criatividade visual*, que, segundo ela, essa constitui um dos aspectos formais da poesia em língua de sinais que muito pode contribuir com os procedimentos de tradução para línguas de modalidades diferentes, pois trata-se de algo bastante conectado com a identidade autoral daquela determinada obra poética, além de funcionar como um conjunto que engloba os vários elementos poéticos que constituem os poemas em línguas de sinais. Além disso, para ela, os poemas em língua de sinais também empoderam os sujeitos surdos, auxiliando-os a se perceberem através de sua própria criatividade, já que muitos poetas sinalizadores mencionam seu uso da poesia para expressar e liberar sentimentos poderosos que dificilmente conseguiriam expor a partir da língua oral de suas nações (Sutton-Spence, 2012: 1000)¹.

1 – Conteúdo textual recortado diretamente do texto original presente no seguinte trecho de Sutton-Spence (2012: 1000), traduzido por Souza (2014: 172): “Poetry is a cultural construction and Deaf people’s ideas about the form and function of sign language poetry do not necessarily coincide with those of hearing people in their surrounding social and literary societies. Deaf people around the world may also differ in their beliefs about what constitutes sign language poetry. They may even deny that their culture has poetry. This may be especially so where Deaf people’s experiences of poetry have been overwhelmingly of the written poetry of a hearing majority. For a long time, Deaf people have been surrounded by the notion that spoken languages are for high

OBJETIVOS DO TRABALHO

Para esta comunicação oral, em nível de objetivos, ainda que a Poesia em língua de sinais enquanto gênero da Literatura Surda já venha sendo analisada teoricamente, tanto em nível nacional quanto internacional, como forma de arte linguística que incorpora elementos estéticos de outras linguagens artísticas, entende-se que, é preciso atentar para a existência de ferramentas de auxílio à tradução eminentemente Surdas e conhecer sobre seu mecanismo básico de funcionamento. Afinal, tais anteparos tradutórios direcionados podem colaborar e muito com os tradutores, fornecendo registros culturais relevantes e identificando marcações de visualidade importantes para serem notificadas durante os preparativos intertextuais do procedimento tradutório, dentre outras contribuições afins, em se tratando de procedimentos de tradução para línguas orais de obras poéticas em línguas de sinais.

Conhecida como *GLOSINAIS*, essa ferramenta Surda de auxílio à tradução performativa intermodal foi desenvolvida pelos pesquisadores surdos Castro e Campello (2013), ambos tradutores-atores profissionais fluentes, tanto em Libras quanto em Língua Portuguesa, os quais, ratificaram a partir da publicação em um artigo científico, o lançamento dessa ferramenta cujo funcionamento consiste na elaboração de um intertexto sinalizado que fornece ao tradutor, seja ele surdo ou ouvinte, um conjunto de elementos e informações complementares à preparação do seu texto traduzido, seja na direção língua oral – língua de sinais, seja na direção língua de sinais – língua oral.

RESUMO DA METODOLOGIA UTILIZADA

Assim, nesta comunicação, apresento uma breve introdução geral a respeito da Poesia em Língua de Sinais como Gênero Literário da Literatura Surda, mencionando algumas características específicas, tais como a criatividade visual, dentre outras. Isso porque, parte-se do pressuposto fundacional de que os procedimentos de tradução envolvendo textos poéticos em língua de sinais na direção Libras – Língua Portuguesa são arbitrários e performáticos, pois, nas línguas de sinais, as relações semânticas entre os sinais e os elementos ou objetos a que referem, não são, nem mera e nem correspondentemente, icônicas, porque, apresentam arbitrariedades que fazem parte do próprio estatuto linguístico da Libras, em virtude de sua modalidade enunciativo-articulatória ser espacial, visual, cinética e quadridimensional, como

status situations and that ‘deaf signing’ is inferior and only fit for social conversation. Poetry has been seen as a variety of language that should be conducted in spoken language, because of its status. What is considered acceptable or relevant as poetry varies with time and different perspectives of different poets and audiences”.

apresentam Quadros e Souza (2008) e Souza (2010), em suas discussões sobre efeitos de modalidade e performances de tradução, respectivamente.

Em seguida, demonstro com base em artigos anteriores de minha própria autoria que já ratificam a traduzibilidade poética na interface Libras – Português, que é possível dispor de ferramentas Surdas para lidar com as arbitrariedades próprias das performances Surdas que estão diretamente relacionadas à tradução interlinguística e intermodal, como a que envolve línguas de sinais e línguas orais. Na sequência, enumero dois exemplos do uso da *GLOSINAIS* como ferramenta de auxílio à tradução, a saber: o poema-lamento de Alan Henry Godinho, criado e sinalizado em Libras, e intitulado “*Homenagem Santa Maria*” (Godinho, 2013) e a tradução de “Bandeira Brasileira” de Castro (1999), a qual faço uma análise comparativa com vistas a uma possível re-tradução comentada e anotada.

PRINCIPAIS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Com base no próprio artigo de Castro e Campello (2013) e nas reflexões levantadas por Souza (2014), comenta-se que é possível aplicar a *GLOSINAIS* como ferramenta de auxílio ao procedimento de tradução poética de peças tais como a de Godinho (2013) e Castro (1999), por exemplo. Justifica-se tal aplicabilidade com base em Castro e Campello (2013), que acreditam que a *GLOSINAIS* busca, por exemplo, facilitar a compreensão por parte dos profissionais que lidam com a tradução e a interpretação; como também, mostrar o potencial da percepção visual, dentre outras finalidades.

GLOSINAIS EM GODINHO (2013)

Logo, ao se observar um poema-lamento como o de Godinho (2013) e se pensar no procedimento de tradução, é possível chegar à seguinte sequência de raciocínio: partindo do pressuposto de que traduzir um texto da Libras para o Português consiste em um procedimento performático normativo descritivo arbitrário e, somando-se a isso, de que existe o fato de que, nem sempre os sinais que estão sendo visualizados correspondem diretamente aos seus significados imediatos, nem na língua fonte e nem tampouco na língua alvo; a oportunidade de dispor de uma ferramenta interlinguística que favoreça uma percepção intertextual intermediária anterior ao estabelecimento em si do procedimento tradutório performático, pode corroborar para o desempenho efetivo da tarefa tradutória intermodal.

A título de ilustração didática desse resultado, vejamos a figura 01 abaixo, que traz dois trechos recortados do poema-lamento de Godinho (2013), *Homenagem Santa Maria*:

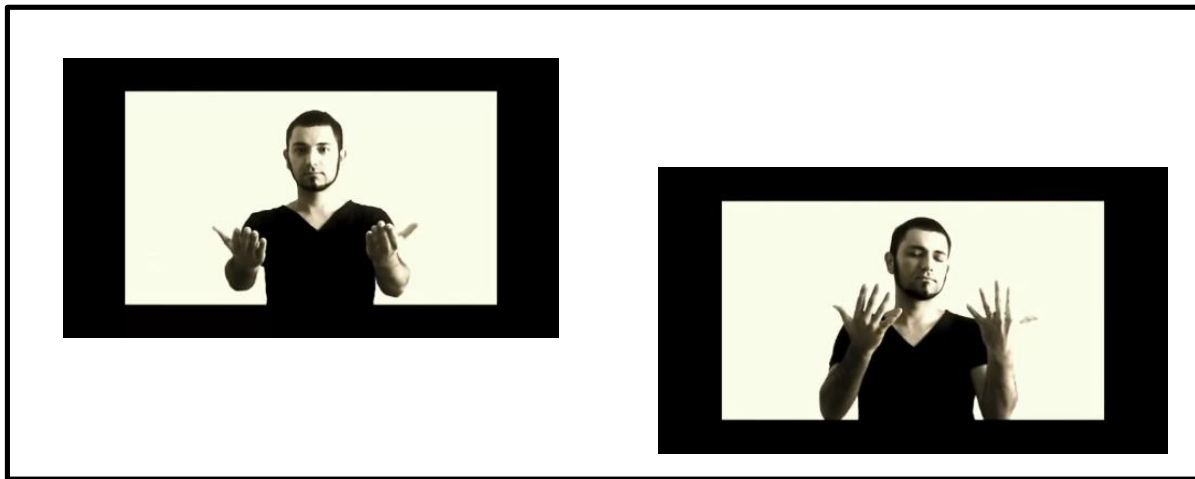


Figura 01 – Recorte de dois trechos de “*Homenagem Santa Maria*” de Godinho (2013).

Diante desses trechos, percebe-se que a *GLOSINAIS*, enquanto ferramenta de auxílio à tradução, pode colaborar com a percepção visual geral da mensagem enunciada em sinais pelo Surdo autor do poema em questão, por exemplo. Em outras palavras, a *GLOSINAIS* auxilia o tradutor, seja surdo ou ouvinte, fluente em língua de sinais, a fazer uma leitura prévia em sinais do conteúdo enunciado espaço-visualmente e a produzir um intertexto sinalizado preparatório do seu procedimento de tradução, isto é, uma glosa em sinais, que, por ser em sinais, preserva elementos linguísticos, culturais e visuais do texto-fonte que podem somar substancialmente ao procedimento de re-textualização na modalidade gráfico-impressa de uma determinada língua oral, como o Português Brasileiro, por exemplo.

GLOSINAIS EM CASTRO (1999)

No caso desse poema clássico canônico da Literatura Surda Brasileira, segundo defende Machado (2013), a *GLOSINAIS* pode ser uma excelente ferramenta de auxílio a um procedimento conhecido como re-tradução, que, como o próprio nome sugere, consiste em uma nova re-textualização de uma obra que já havia experimentado um procedimento tradutório. Nesse sentido, menciona-se aqui que, *Bandeira Brasileira*, de Castro (1999), que já fora traduzida por Souza (2007), apresentada por Souza (2008), analisada e comentada em Souza (2009); e, finalmente, literariamente comparada com Godinho (2011), em Souza (2014), configura-se como uma peça passível de re-tradução com o apoio da *GLOSINAIS*. Isso porque essa ferramenta, em vez de glosa em Português na tela, utiliza-se de um vídeo com sinalização para que se permita a “reinterpretação” na mesma língua, no caso, na Libras, do conteúdo que está sendo enunciado no texto-fonte (Campello e Castro, 2013).

Então, imaginemos a seguinte situação: se temos um poema já traduzido, bastante explorado e analisado, inclusive, tanto em uma perspectiva tradutória quanto linguística, como que uma ferramenta de auxílio à tradução pode colaborar para que haja sua re-tradução? Uma possível solução para esse problema está justamente na própria natureza dessa ferramenta criada por Campello e Castro (2013), pois, como ela se caracteriza por ser eminentemente Surda, valorizando tanto a cultura quanto a identidade Surda na prática procedimental de traduzir, ela colabora para que os tradutores literários enxerguem elementos que, em uma primeira experiência tradutória, passaram despercebidos, por exemplo. Podem ser elementos mais de caráter semântico, mais de caráter lexical, mórfico, simbólico, entre outros, que se coadunam com os esforços de se re-textualizar elementos poéticos presentes em obras representativas da Poesia Surda, tais como a de Castro (1999), por exemplo.

Como Souza (2007) priorizou em sua proposta de tradução na direção Libras-Português uma orientação segundo duas influências diretas, a saber: a *glosa* em Português do texto-fonte em Libras e também algumas referências conceituais do Movimento Literário Brasileiro do Concretismo como possíveis correspondências tradutórias para o elemento *morfismo* ressaltado na análise de Quadros e Sutton-Spence (2006); pode-se dizer que foi um projeto experimental de tradução que logrou êxito, mas, que partiu de referenciais ouvintes pré-estabelecidos e não Surdos, por exemplo. Isto é, enquanto tradutor, Souza (2007), até pela falta de referencial no qual pudesse se fundamentar, teve de optar por influências mais indiretas em termos de contatos com a identidade e os aspectos culturais eminentemente Surdos do texto-fonte. Por isso, houve um recorte tão definido segundo um objetivo tão específico: tradução concretista para a língua portuguesa de um poema em Libras, ressaltando a presença do elemento poético *morfismo* segundo Quadros e Sutton-Spence (2006).

Agora, sete anos depois, e com o auxílio da *GLOSINAIS* de Campello e Castro, é possível questionar todo esse procedimento desenvolvido por Souza (2007) e comentado em Souza (2009), para se tentar chegar a uma orientação tradutória que considere, tanto a realidade do perfil de recepção do texto-alvo traduzido, que se trata de um público ouvinte, geralmente desconhecedor da Libras e de todo o potencial estético, poético, simbólico, artístico e autoral do Surdo quanto as singularidades do próprio *eu-lírico Surdo* que emana do texto-fonte, enunciado discursivamente em Libras, em uma modalidade oral, espacial, visual, cinética e quadridimensional. Para ilustrar essa constatação colaborativa da *GLOSINAIS* para procedimentos de re-tradução de obras já traduzidas na direção Libras-Português, observemos a figura 02, que traz um dos “blocos de versos traduzidos” por Souza (2007), abaixo:



Figura 02 – Glosa e respectiva solução tradutória de orientação concretista de um trecho de “*Bandeira Brasileira*” de Castro (1999), traduzida por Souza (2007).

Assim, resta-nos refletir com base na riqueza que a ferramenta da *GLOSINAIS* pode nos trazer para o procedimento de tradução: *as soluções que escolhemos estão sendo as performances de re-textualização mais próximas da mensagem Surda enunciada no texto-fonte, considerando o peso simbólico, estético e artístico, em todos os níveis linguístico-gramaticais e poético-literários?* Questões-problema como essa devem permanecer martelando nosso “cérebro tradutório” durante todo o exercício procedimental para que não percamos o norte e nem nos esqueçamos do objetivo do nosso projeto.

Finalmente, procuro evidenciar nessa pesquisa que não precisamos e nem devemos desprezar a participação do tradutor-ator e autor Surdo do procedimento de tradução para a língua portuguesa de poemas em língua de sinais, pois, no caso da Tradução de Poesia, é consenso que não existe apenas um caminho a ser seguido para se conseguir traduzir um poema, mas sim, que, ao se buscar escolher soluções tradutórias diante de um leque de possibilidades, pode-se aproximar dos diversos elementos presentes nos poemas em língua de sinais. Então, poder ter acesso a uma ferramenta que torna transitável o percurso intertextual antes que o procedimento de tradução esteja efetuado plenamente é muito positivo, pois, isso pode revelar ao tradutor elementos normativos descritivos Surdos pouco percebidos durante os primeiros contatos com o texto-fonte e, com isso, após concluído seu projeto, poderá revelar ao público leitor em geral, tanto a riqueza da Literatura Surda quanto os desafios e complexidades da Tradução Poética de obras em Sinais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPELLO, A. R. e CASTRO, N. P. Introdução da GLOSINAIS como ferramenta de tradução/interpretação das pessoas surdas brasileiras. In: **Revista Escrita**. Número 17. ISSN 1679-6888. PUC-RJ. Rio de Janeiro-RJ, 2013: págs. 1-14.

CASTRO, N. P. Bandeira Brasileira In: Pimenta, N. **Literatura em LSB** - Poemas, Fábulas e Histórias Infantis. Yon Lee. 1999.

Godinho, A. H. **Mãos do Mar**. Poema em Libras. Vídeo Disponível em: <http://youtu.be/K399DQf9XRI>. Publicado em 02 de Outubro de 2011. Acesso em 11 de Dezembro de 2013.

_____. **Homenagem Santa Maria**. Poema em Libras. Vídeo Disponível em: <http://youtu.be/9LtOP-LLx0Y>. Publicado em 04 de Fevereiro de 2013. Acessado em 10 de Outubro de 2014.

Karnopp, L. **Literatura Surda**. Texto-base da disciplina de Literatura Visual do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina na modalidade à distância. Florianópolis-SC, 2008. Disponível on-line para acesso livre em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf. Acesso em 09 de Dezembro de 2013.

Machado, F. A. **Simetria na poética visual na Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação de Mestrado. PGET-UFSC. Florianópolis-SC:PGET/UFSC. 2013.

Quadros, R. M. de & Sutton-Spence, R. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. En: Quadros, R. M. (org). **Estudos Surdos I**. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul. 2006.

_____. SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/ encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras-Libras. In: QUADROS, R. M. de. (org). **Estudos Surdos III**. Série pesquisas. Petrópolis, RJ: Arara-Azul, 2008: 168–207.

SOUZA, S. X. Como Traduzir uma Poesia em Língua Brasileira de Sinais para a modalidade escrita da Língua Portuguesa? - um esboço de Bandeira Brasileira de Pimenta (1999). En: **Anais I EPILCO e III EPILMS**. I Encontro dos Profissionais Tradutores Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Centro Oeste e III Encontro dos Profissionais Tradutores Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Mato Grosso do Sul, 2007, Campo Grande-MS. 2007: 42-54.

_____. Tradução poética da Língua de Sinais Brasileira para a Língua Portuguesa: um esboço tradutório de Pimenta (1999). **Anais**. I Congresso Nacional de Pesquisa em Estudos da Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais. Florianópolis-SC, 2008.

_____. Traduzibilidade poética na interface libras português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em Bandeira Brasileira de Pimenta (1999). En: Quadros, R. M. e Stumpf, M. R. (Org.). **Estudos Surdos IV**. 1ed. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul. 2009: 310-352.

_____. **Performances de Tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras**. Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Estudos da Tradução – PGET, Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC. Florianópolis-SC:PGET/UFSC. 2010.

_____. Reflexões comparativas sobre procedimentos tradutórios ao português de poemas em língua brasileira de sinais. In: **Mutatis Mutandis**, v. 7, 2014: págs. 168-190.

Sutton-Spence, R. Poetry. In: Pfau, R.; Steinbach, M.; Woll, B. **Sign Language: an international handbook**. Handbooks of Linguistics and Communication Science. HSK 37. Berlin-Germany: Walter de Gruyter, 2012.